

Luciane Pereira da Silva Navarro  
(Organizadora)



# Bibliografia História da Mídia e da Imprensa

Atena  
Editora  
Ano 2019

**Luciane Pereira da Silva Navarro**

(Organizadora)

# **Bibliografia: História da Mídia e da Imprensa**

**Atena Editora  
2019**

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
B582	Bibliografia [recurso eletrônico] : história da mídia e da imprensa / Organizadora Luciane Pereira da Silva Navarro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-605-8 DOI 10.22533/at.ed.058190309  1. Jornalismo – Bibliografia. I. Navarro, Luciane Pereira da Silva. CDD 016.0704495
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

As páginas que você está prestes a ler vão conduzi-lo para além da mera constatação histórica sobre os caminhos percorridos pela imprensa nos últimos dois séculos. Os textos que compõem esta obra elástica vão levá-lo à compreensão singular de particularidades sobre o desenvolvimento da comunicação e do jornalismo sob as perspectivas política, cultural, social e histórica.

Ao percorrer os capítulos, especialmente no primeiro e último, você, leitor, encontrará textos que, habilmente construídos, suscitam a reflexão sobre as práticas comunicacionais em diferentes contextos políticos desde o Estado Novo, a Ditadura Militar até a crise recente enfrentada pelo Brasil e que culminou com o impeachment de Dilma Rousseff. A amplitude temporal dos textos torna perceptível a evolução do papel dos meios de comunicação, tradicionais e alternativos, ao longo do tempo e através da evolução tecnológica. No capítulo final, em especial, a política é o pano de fundo de grande parte dos textos que, ao cabo, vão ajudá-lo a compreender tramas históricas que conduziram o jornalismo ao seu status atual, uma prática profissional em rápida e constante transformação.

As aproximações e afastamentos entre diferentes linguagens, formatos jornalísticos e práticas socioculturais estão organizadas no segundo capítulo: Mídia, Arte e Memória. Os artigos selecionados abordam desde quadrinhos, ilustração, documentarismo e street papers até jornalismo literário. Da trama tecida entre os títulos desta seção emana a compreensão do valor memorialístico do jornalismo, prática diária de registro da realidade e de escuta dos sujeitos, que contribui para a preservação da memória social.

Luciane Pereira da Silva Navarro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MÍDIA IMPRESSA, COMUNICAÇÃO E HISTÓRIA: BREVES CONSIDERAÇÕES E APROXIMAÇÕES	
<i>Giovana Montes Celinski</i> <i>Ivania Skura</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
OS CEM ANOS DA IMPRENSA NO BRASIL: A COMEMORAÇÃO ATRAVÉS DA EXPOSIÇÃO E DOS CATÁLOGOS DO IHGB	
<i>Alvaro Daniel Costa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A HISTÓRIA DA TV BRASIL ENCONTRANDO A SAÚDE: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Vitor Pereira de Almeida</i> <i>Iluska Maria da Silva Coutinho</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
ASPECTOS DA HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO	
<i>Thalita Raphaela Neves de Oliveira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
RADIOJORNALISMO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO CURRICULAR	
<i>Lourival da Cruz Galvão Júnior</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>62</b>
COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: DAS TIC AOS DISPOSITIVOS MÓVEIS	
<i>Ana Graciela M. F. da Fonseca Voltolini</i> <i>José Serafim Bertoloto</i> <i>André Galvan da Silveira</i> <i>Ed Wilson Rodrigues Silva Júnior</i> <i>Lucinete Ornaqui De Oliveira Nakamura</i> <i>Paula Viviana Queiroz Dantas</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
O SURGIMENTO DA IMPRENSA EM MATO GROSSO E EM MATO GROSSO DO SUL	
<i>Danusa Santana Andrade</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903097</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>85</b>
DESENVOLVIMENTO E DIFUSÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS A PARTIR DE JORNAIS ESTADUNIDENSES DO SÉCULO XIX	
<i>Juliana de Kássia de Oliveira Angelim</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
DA ILUSTRAÇÃO À TELA DA TV: A EVOLUÇÃO DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA NAS REVISTAS BRASILEIRAS	
<i>Talita Souza Magnolo</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0581903099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>114</b>
CONTRIBUIÇÕES DO JORNALISMO LITERÁRIO PARA A CONSTRUÇÃO DE PÓS-MEMÓRIAS NA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA ÁFRICA DO SÉCULO XX	
<i>Flávia Arruda Rodrigues</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
O DOCUMENTÁRIO XICO STOCKINGER COMO LUGAR DE MEMÓRIA	
<i>Alini Hammerschmitt</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
JORNALISMO NA ERA DOS TESTEMUNHOS: UMA CHANCE DE APRENDER COM O CINEMA	
<i>Cristine Gerck Pinto Carneiro</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>145</b>
OS <i>STREET PAPERS</i> COMO INSTRUMENTOS DE RESGATE DO CIDADÃO EM VULNERABILIDADE SOCIAL: ESTUDO DE CASO DA REVISTA OCAS”	
<i>Franklin Larrubia Valverde</i>	
<i>Marília Gomes Ghizzi Godoy</i>	
<i>Rosemari Fagá Viégas</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>156</b>
CRIAÇÃO DA PRIMEIRA TV EDUCATIVA DO BRASIL - A IMPLANTAÇÃO DA TV UNIVERSITÁRIA, CANAL 11: EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E AS RELAÇÕES DE PODER	
<i>Maria Clara de Azevêdo Angeiras</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030914</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>169</b>
REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PODER E REBELDIA NO JORNALISMO IMPRESSO NO COMEÇO DO SÉCULO XX – LITERATURA E ANARQUISMO EM PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA	
<i>Manuel Marquez Viscaíno Jr</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>183</b>
CORRESPONDENTES BRASILEIROS NA SEGUNDA GUERRA E A SAÍDA PARA TRÊS TIPOS DE CENSURA	
<i>Rosamary Esquenazi</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>192</b>
IMPrensa ALTERNATIVA E NEOPENTECOSTALISMO: ESTRATÉGIAS PARA UM MOMENTO DE CRISE POLÍTICA	
<i>Matheus Lobo Pismel</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>202</b>
PORTFÓLIO DE ORLANDO BRITO: O FIM DA ERA DILMA NA REVISTA PIAUÍ	
<i>André Melo Mendes</i> <i>Mírian Sousa Alves</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05819030918</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>215</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>216</b>



## CORRESPONDENTES BRASILEIROS NA SEGUNDA GUERRA E A SAÍDA PARA TRÊS TIPOS DE CENSURA

### Rosamary Esquenazi

Professora do Curso de Jornalismo da PUC-Rio. Graduada na Faculdade de Comunicação Social e Mestre em História Social da Cultura, na PUC-Rio, email: rose.esquenazi@gmail.com

\* Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia.

Apesar de o Estado Novo mandar tropas para a Europa a fim de lutar contra os regimes dos países do Eixo, o Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, continuou controlando a imprensa brasileira intensamente, à distância. Os correspondentes já tinham experiência e sabiam as palavras e os assuntos que não poderiam entrar em suas matérias e reportagens enviadas do front. O que eles não imaginavam é que tinham pela frente, além do DIP e do Exército brasileiro, a censura militar americana. Alguns profissionais tentavam driblar as dificuldades com crônicas, textos comparativos e trechos de reportagens gravadas em discos de vidro. Mas os artifícios não eram suficientes para dar conta da realidade da guerra.

### JORNALISMO; ESTADO NOVO; GUERRA

Os comandos militares não podem revelar, em nenhuma situação, a localização de tropas nem entregar qualquer tipo de segredo

1 GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*.

ao inimigo. Não é novidade saber que existe controle durante os conflitos e que isso afeta profundamente a busca da verdade. Ou, pelo menos, a aproximação dos fatos como eles se dão. Mas a Segunda Guerra, de 1939 a 1945, trouxe um peso a mais aos jornalistas brasileiros que foram acompanhar, de setembro de 1944 a 2 de maio de 1945, a batalha na Europa. Eles precisaram lidar não com um, mas com três níveis de censura para cobrir o dia a dia na Itália. Primeiramente, a do Exército brasileiro, a FEB, que abrigou os profissionais da imprensa nos acampamentos. Depois, existia o filtro do 5º Exército americano, responsável pela ação dos militares brasileiros na Europa e pelo envio de telegramas com o noticiário. Finalmente, havia o controle do DIP, que fazia os cortes no Brasil. Criado em 27 de dezembro de 1939, o DIP estava bem estruturado e tinha várias divisões: a de Divulgação, de Radiodifusão, de Cinema e Teatro, de Turismo, de Imprensa, além de outras ramificações auxiliares. “O Estado Novo ampliou sua capacidade de intervenção cultural e ideológica por meio das instituições.”<sup>1</sup> (GOULART, 1990, p.19) Segundo documentos encontrados no Arquivo Federal da Alemanha, em 2001, pelo historiador Francisco Carlos Teixeira, da UFRJ, constatou-se que o Terceiro Reich contava com o DIP para

contabilizar os simpatizantes do regime alemão no Brasil, incluindo os que ocupavam os ministérios de Getúlio Vargas. “As atividades alemães eram facilitadas graças ao bom relacionamento entre os nazistas e o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). ‘Este controla a totalidade do jornalismo na imprensa escrita, no rádio e na literatura’”. (ESQUENAZI, 2014, p.51, apud ANDERSON).<sup>2</sup>

Antes de os pracinhas irem para a guerra, ocorreu uma briga entre os donos de jornais brasileiros, que queriam enviar profissionais para mostrar os acontecimentos com um olhar particular, e o governo do Estado Novo, que tentava impedir a cobertura *in loco*. Funcionando como uma espécie de ministério, o DIP daria a palavra final sobre os nomes indicados. E, claro, levaria em conta o caráter ideológico do candidato e do veículo em questão. O credenciamento foi longo e difícil. Nem todos os pedidos foram aceitos. Os jornalistas da Agência Nacional, Sylvio da Fonseca e Thassilo Mitke, ligados ao governo, já estavam devidamente selecionados e embarcaram no primeiro escalão da FEB, no dia 2 de julho de 1944. Além deles, estavam na lista dos pré-liberados os cinegrafistas Fernando Stamato e Adalberto Cunha.

Rubem Braga, Egydio Squeff e Raul Brandão viajaram no segundo escalão. Mais tarde, o nome de Joel Silveira foi aceito pelo DIP, mas ele só embarcou no 3º escalão. A escolha de Joel Silveira se deu por dois motivos. O primeiro, porque era ótimo repórter; o segundo, porque Chateaubriand, o Chatô, dono de uma rede de jornais, revistas e rádios, achou que a guerra poderia ser um corretivo para o jornalista rebelde. O diálogo na sala de Chatô foi emblemático: “O senhor vai pra guerra, mas não me (sic) morra, seu Silveira! Não me (sic) morra! Repórter é pra mandar notícias, não para morrer. E adeus!” (SILVEIRA, 2010, blog)

Rubem Braga foi convocado pelo *Diário Carioca* porque queria muito ir à guerra. Tornou-se mais um cronista do que um jornalista especializado em *hard news*, notícias mais importantes, no jargão profissional. Era o único jornalista que não tinha acesso ao envio de telegramas. Os telegramas custavam caro e, por essa razão, Braga só podia contar com os Correios. Mas esse serviço era tão lento que podia demorar um mês para que as matérias de Braga chegassem ao Brasil. O jornalista escreveu ao leitor, anos mais tarde:

Quando afinal cheguei (e cheguei lá porque sou um homem teimoso), havia, entre os correspondentes, um ambiente de desconfiança e mesmo de má vontade que prejudicava muito o nosso trabalho. Isso melhorou com o tempo, mas os jornalistas acreditados junto à divisão brasileira nunca tiveram as mesmas facilidades de informação e de transporte que havia em outras unidades aliadas. Tivemos, além disso, até certa altura da campanha, o peso de três censuras, das quais apenas uma era legítima e razoável. [...] não me espantaram e até sempre achei que “podia ser pior”, tanto me habituara, como qualquer jornalista livre, à estupidez mesquinha dos

---

2 ESQUENAZI, Rosamary. *O rádio na segunda Guerra. No ar, Francis Hallawell, o Chico da BBC*. Florianópolis, Insular, 2014.

fatores da imprensa sob o Estado Novo”.<sup>3</sup>

A ligação estreita entre os nazistas e alguns ministros identificados com o regime de Adolf Hitler começou a mudar em 1942, quando o Brasil decidiu se unir aos Estados Unidos e aos países aliados e declarar guerra. Durante muito tempo, Getúlio Vargas praticou a política do quem dá mais, Estados Unidos ou Alemanha? O historiador Gerson Moura definiu essa situação como “equidistância pragmática”.

Com a guerra em andamento, o governo Roosevelt adotou uma política que combinava pressão, presença permanente, persuasão e concessões, a promessa de Washington de transferir material militar ao Brasil (...). Meses depois ficou acertado que os norte-americanos concederiam financiamento e facilidades técnicas para a pretendida usina siderúrgica de Vargas.<sup>4</sup>

Mesmo com a declaração de guerra aos países do Eixo, a censura do DIP não acabou. De certa forma, até se intensificou. *O Globo* mandou para cobrir a guerra o jornalista Egydio Squeff. Ele sabia fazer críticas, mas, às vezes, as citações eram tão indiretas que pouca gente percebia. Ao elogiar a democracia americana, por exemplo, Squeff falava mal da ditadura brasileira. Ele utilizava o “recurso de dar voz a terceiras pessoas, no caso, os pracinhas, de modo que a sua mensagem adquirisse ares de imparcialidade”. (HENN, 2000, p.183)<sup>5</sup>

Já o *Jornal do Brasil* mandou um dândi, Carlos Alberto Dunshee de Abranches. Ele ficou famoso não por suas reportagens, mas por usar luvas e cachecol em um ambiente povoado por pólvora, sujeira e caos. O jornalista Raul Brandão, chamado de Veterano, foi indicado para atuar pelo *Correio da Manhã*. Havia até uma mulher na cobertura, Silvia Bittencourt, mulher do diretor do *Correio da Manhã*. Majoy, como ela assinava os artigos e crônicas, fazia colaborações também para a United Press e para a BBC. Ela foi escolhida para acompanhar “as manobras do 6º Regimento de Infantaria, no Vale do Rio Serchio, junto do ministro da Guerra do Brasil, Eurico Gaspar Dutra”. (RIGONI, 2012, p.4).<sup>6</sup> Muitas vezes, Majoy preferia falar de assuntos leves e superficiais, como as flores da Itália, esquecendo-se de cobrir acontecimentos mais graves e chocantes, como o enforcamento de Benedito Mussolini em praça pública! “Por quê?, perguntou-se a jornalista. ‘Tem tanta coisa no mundo dos horrores, que não precisa dos olhos inexperientes em política, de quem mesmo na guerra sempre procurou flores.’” (ESQUENAZI, 2014, p. 146)

O único jornalista que realizou cobertura radiofônica para o Brasil foi um brasileiro, só que funcionário da BBC de Londres. Francis Charlton Hallawell, nascido em Porto Alegre e criado no Rio de Janeiro, foi convocado e sabe-se lá como ele conseguiu atravessar o Canal da Mancha até chegar à Itália no meio da guerra. E de

3 BRAGA, Rubem, *Crônicas da Guerra na Itália*, 2ª edição, Rio de Janeiro, Record, 1986.

4 BARROS, Orlando de. *200 anos de Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, ContraCapa, 2009.

5 HENN, Leonardo Guedes, *Os correspondentes da guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira*, São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

6 RIGONI, Carmen Lúcia. *A imprensa brasileira durante a 2ª Guerra Mundial (1944-1945): fortalecendo o mito do herói*. <http://www.ifcs.ufrj.br>, 2012.

que maneira conseguiria enviar material aos rádios brasileiros? Francis, ou melhor, Chico da BBC, foi treinado para mandar telegramas com notícias e também gravar discos de vidro. Com a ajuda do técnico Douglas Farley, em um aparelho especial desenvolvido pelos técnicos da BBC para todos os correspondentes, eles gravavam as entrevistas e reportagens. Depois mandavam o material para Florença ou Roma. De Roma, onde estava o quartel-general da imprensa aliada, o QG dos correspondentes, o material também passava por censura, apesar da conhecida independência da BBC. Transmitia-se por telefone para Londres o que havia sido gravado nos discos de vidro. Nos estúdios da BBC, na Inglaterra, os técnicos passavam o vidro para o acetato e só depois disso o programa ou a crônica era enviada ao Brasil pelo serviço de ondas curtas.

Anos antes, quando o DIP quis intensificar a censura às notícias que a BBC mandava para o Brasil, o chefe do serviço brasileiro, William Tate, mandou a seguinte mensagem para as autoridades: “Não, nós não fazemos programas contra o Brasil. Nós refletimos as opiniões variadas que (lá) existem, inclusive as que são contra o governo”. (LEAL, 2008, p.29)<sup>7</sup>

Antes de chegar à Itália como correspondente da BBC, ainda em Londres, Francis Hallawell decidiu ser mais explícito quanto ao nazismo. Como redator e locutor, ele lançou histórias infanto-juvenis para falar sobre o ambiente alemão na intimidade. Contando com efeitos especiais e a participação de outros locutores e atores, ele escreveu *As aventuras de Fred Perkins*. A data não foi confirmada pela BBC. Ao que tudo indica, foi em 1943 que se deram as primeiras transmissões das histórias. Depois, a emissora inglesa permitia fazer reprises, quantas vezes fossem necessárias. Consegui algumas dessas histórias com Julienne Hallawell<sup>8</sup>, viúva de Francis Hallawell, e também na empresa Collector's, que comercializa programas de rádio antigos.

Fred Perkins era um correspondente na história da ficção de Hallawell e, graças a um miniaparelho de rádio e um avião construído por ele mesmo, o jornalista conseguiu chegar à Alemanha. Mais precisamente na antessala de Hitler. O texto ridicularizava os líderes nazistas e mostrava os ataques de cólera e choro do *führer*. É interessante saber o que movia o personagem: “a busca da verdade”. Fred tentava encontrar coerência no mundo de versões desencontradas. Talvez estivesse se preparando para a situação que iria viver em poucos meses, quando desembarcou na Itália. Pelo visto, o DIP deixou passar sem problema *As aventuras de Fred Perkins* por tratar-se de ficção.

De qualquer maneira, era a mesma reflexão que fazia Rubem Braga: a verdade era algo que não existia durante a guerra! A BBC transmitia em mais de 40 idiomas, uma maneira para enfrentar o mesmo serviço feito pela Rádio Berlim, em 55 idiomas para

7 LEAL, Laurindo. *Voices de Londres: memórias brasileiras da BBC*. São Paulo: Edusp, 2008.

8 Julienne era de origem belga e conheceu Francis Hallawell na BBC, em Londres. Ela morreu aos 94 anos, no dia 23/12/2016, em Corrêas, Estado do Rio.

todo o mundo, também em línguas locais. Havia uma guerra radiofônica e ideológica no Brasil. Os russos, alemães e italianos apostavam na propaganda ideológica desde 1937. Os ouvintes brasileiros eram devidamente “convencidos” de que os regimes soviético/comunista, italiano ou alemão eram superiores ao brasileiro.

A programação da Rádio Alemã incluía teatro, concertos com obras de Richard Wagner, a *Hora Feminina*, a *Hora Infantil* (ESQUENAZI, 2014, p.28), mas também notícias jornalísticas e muita propaganda nazista vinda diretamente da Europa. Em seu diário, Joseph Goebbels, ministro da Propaganda da Alemanha nazista, chegou a calcular quantos adeptos do nazismo o governo alemão poderia contar, principalmente no Sul do país, caso fosse necessário. Eram todos ouvintes fiéis da Rádio Berlim.

Quando perceberam a ausência no Brasil, altos funcionários da BBC decidiram, em 1941, criar serviço próprio para o Brasil e para a América Latina. Depois, aumentaram o serviço para que o noticiário e a programação fossem entendidos por 47 diferentes nacionalidades. O mesmo se deu com os americanos. Ao estabelecerem a Política da Boa Vizinhança - e contar com o apoio do Brasil caso entrassem em guerra – os Estados Unidos lançaram a Voz da América, serviço de ondas curtas a partir dos EUA em 20 idiomas. Outras grandes emissoras de rádio americanas, como a CBS e NBC, também colaboravam com atrações especiais. Veiculados no horário da *Hora do Brasil*, muitas vezes revelavam o *american way of life* e a opção pela democracia. É claro que também nisso havia propaganda política. “A CBS usava 120 estações de sua rede. Programas de notícias brasileiras de 15 minutos de duração eram irradiados semanalmente para os Estados Unidos.” (GOULART, 1990, p. 69).

Na Europa, submetidos a três censuras, o que os jornalistas poderiam escrever na imprensa brasileira? De preferência, notícias positivas, ao estilo da “grandiloquência”. Elogiados desde que desembarcaram em Nápoles, definidos como soldados valentes (mesmo antes de vencer a primeira batalha), os pracinhas foram devidamente esquecidos logo depois, em uma batalha em que foram derrotados. Quando o 6º Regimento de Infantaria recuou no Vale do Rio Serchio ao enfrentar a 232ª Divisão de Infantaria Alemã, em 1944, sofreu baixas, mortos, feridos e prisioneiros. Mas “a imprensa não noticiou os problemas ocorridos durante o recuo em Garfagnana”. (RIGONI, 2012, p. 6)

Egydio Squeff amenizou, por seu lado, as quatro derrotas dos pracinhas nas batalhas de Monte Castelo, entre 1944 e 1945. Rubem Braga revelou que o despacho que escreveu sobre um dos revezes de Monte Castelo, “em 29 de novembro de 1944, e que foi enviado para o Brasil com alguns cortes da censura militar, não foi publicado em seu jornal em consequência do veto do DIP”. (HENN, 2006, p. 180). Dane-se a objetividade.

A grandiloquência que aparecia na imprensa no Brasil incluía pequenas mentiras ou exageros, como detectou um médico não identificado que estava junto às tropas brasileiras. Ao voltar para a casa, contestou as informações que leu em *O Jornal*. Ao contrário do que dizia o periódico, que todos “foram recebidos com

ovações de uma grande multidão” no Porto de Nápoles, o médico rebateu com essas afirmações: “Cais deserto sem ninguém. Só alguns oficiais nossos americanos e um grupo de italianos”. (RIGONI, 2012, p. 3)

O pesquisador Ricardo Luis Meirelles dos Santos preferiu a palavra “compaixão” (mas não “bajulação”) para definir o traço jornalístico das crônicas permitidas pelo DIP.

A descrição de cenas explícitas, de carnificina, praticamente não aparece nos textos de Braga – opção do cronista, imposição da censura militar ou do governo no Brasil, ou os três fatores somados. A descrição de cenas mais fortes, como fuzilamento de civis, aparece apenas nas matérias produzidas em abril de 1945, quando a lupa do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) já não aparecia com tantas frequências nas redações; além disso, são cenas em que os alemães promovem barbaridades contra italianos (os brasileiros, portanto, não estão envolvidos diretamente). E, além disso, são narradas com poucos adjetivos, sem dramaticidade. (SANTOS, 2003, p.117)<sup>9</sup>

No Quartel General Recuado, em Pistoia, os jornalistas brasileiros foram separados dos correspondentes estrangeiros. Rubem Braga citou os colegas Henry Bagley, da Associated Press; Henry Buckley, da Reuters; Frank Norall e Allan Fisher, da revista *Em Guarda*; e Francis Hallawell, da BBC, entre os que ficavam em outra ala. Os jornalistas brasileiros já conheciam os temas e as palavras proibidas pelo DIP e, por isso, evitavam incluí-las em suas reportagens. A situação não era tão clara para os gringos. Mas, assim que acabavam de escrever, todos tinham que enviar o material para o comando do Exército brasileiro e, depois, para a censura americana.

“O Brasil contava com uma tradição de imprensa cerceada e que tinha a linha editorial dos jornais ditada pelos proprietários. Por outro lado, [...] nos Estados Unidos e na Inglaterra, a imprensa estava já organizada segundo os padrões empresariais de competitividade.” (HENN, 2000, p.193). No verso de uma foto emblemática em que Francis Hallawell entrevistava ao ar livre o general Zenóbio da Costa, lê-se o carimbo em vermelho: “*Passed by censor*”. Algo como “aprovada pelo censor”.

No Brasil, o DIP continuava censurando tudo que achasse ir contra a ideologia do Estado Novo, inclusive os assuntos que se relacionassem aos blocos políticos de guerra. Em junho de 1942, proibiu-se a divulgação de uma reunião de alemães em São Paulo para comemorar uma vitória do “eixo”. Em novembro do mesmo ano, foi inicialmente interdita, e depois permitida, a publicação de um manifesto de “italianos livres” contra Mussolini; mas, em dezembro, proibiu-se o manifesto israelita contra o massacre nazista.

Para ultrapassar tantas barreiras de censura, os brasileiros se dedicaram às crônicas para falar sobre o dia a dia do soldado. Desde o século XIX, a crônica tornou-se um gênero brasileiro, um dos preferidos dos jornalistas. A crônica servia e serve

---

9 SANTOS, Ricardo Luiz Meirelles dos Santos, *A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra*. Mestrado, 2003.

ainda hoje para falar sobre todos os assuntos. Havia violência no relato de Rubens Braga ao contar sobre a explosão de uma granada no corpo de Silvana, menina de 10 anos. Foi mais uma cena que fez o repórter se colocar contrário à guerra: “por esse pequeno ser simples, essa pequena coisa chamada uma pessoa humana, é preciso acabar com isso, é preciso acabar para sempre, de uma vez por todas”. (BRAGA, 1986, p.146). Sempre que podia, ele sintetizava o conflito mundial com a seguinte frase: “a guerra é nojenta”.

Nas manchetes do *Globo Expedicionário*<sup>10</sup> que circulou durante a guerra, as letras em negrito tanto podiam alardear os feridos e um morto em “Bombardeado um navio brasileiro!”, em 26 de março de 1941, quanto “Brasil solidário com os Estados Unidos”, de 8 de dezembro de 1941. O rompimento com o Eixo - “Afundado outro navio brasileiro”, em 20 de fevereiro de 1942, e “A infantaria da FEB apresta-se para regressar”, de 8 de junho de 1945 - prepararam o leitor para as etapas da guerra e para as mudanças que estavam por vir. No fim do conflito, o DIP já não mandava tanto e Getúlio Vargas sabia que tinha seus dias contados. Mesmo assim, o general Mascarenhas de Moraes, em fevereiro de 1945, avisou que as tropas estavam proibidas de fazer manifestações políticas na Itália. Os jornalistas também não podiam falar em democracia com o fim do Estado Novo.

A contradição entre os objetivos do Estado Novo e a luta que se travou contra os regimes autoritários na Europa passou a ser discutida também no Brasil. “No começo de maio, o virulento *Diário Carioca* sentenciou: “O governo fascista do Sr. Getúlio Vargas sempre teve horror à imprensa, sempre trancou o pensamento livre dos jornalistas”.<sup>14</sup> (ESQUENAZI, 2014, p.152)<sup>11</sup>

Francis Hallawell, o Chico da BBC, costumava dizer que foi muito difícil conseguir os depoimentos para os seus programas radiofônicos. Assim, combinou com os outros correspondentes que eles poderiam fornecer as crônicas, gratuitamente, que seriam lidas pelos *speakers* (locutores), em Londres. Eram as *Reportagens de guerra*. No livro *Scatolettas da Itália 15*, publicado pela BBC em 1946, há uma reunião das crônicas que correspondentes escreveram sobre a guerra. “Quanto à maneira como foram colhidos os programas da BBC na Itália – isso o expedicionário sabe tão bem como eu: foi ‘à unha’”. Fizemos uma sociedade feliz.” (HALLAWELL, 1946, p.64)

Algumas crônicas ganharam ilustração do soldado Carlos Scliar, “o pintor brasileiro que serviu como pracinha na FEB”, segundo o livro de Hallawell. A maior parte dos textos do livro é reprodução do que havia sido publicada em grandes jornais ou irradiada pela BBC. Em síntese, o material não faz um retrato realista da guerra. É mais o dia a dia no campo, o recebimento de cartas, a hora das refeições, observações políticas, o *foxhole*, onde o soldado se escondia. Daí a importância de uma reportagem gravada por Chico da BBC para a noite de Natal de 1944 e que só existe em áudio. (AER111)

10 *O Globo Expedicionário*. 1985.

11 ESQUENAZI, Op. cit., Apud BARROS, 2009

“Tomamos em primeiro lugar a estrada que saía de Porreta em direção à frente e avançamos o máximo possível para as posições de combate. Encontramos alguns soldados que se separavam para seguir para a linha de frente, e outros barbados, cansados e sujos de lama que voltavam para algumas horas de descanso. Um deles passou ao alcance do nosso microfone, e aqui está a gravação que fizemos:

Hallawell – Ó, Félix, de onde você está chegando?

Soldado – Estou chegando do *front*.

Hallawell – Você parece um pouquinho cansado. Vem caminhando de lá?

Soldado – Estou sem dormir, estou muito cansado.

Hallawell – Sem dormir? Mas há quantas horas você não dorme?

Soldado - 48 horas.

Hallawell – 48 horas! E está caindo muita coisa lá na frente?

Soldado - Está. Está caindo muita granada, muita bomba. Muita metralhadora.”<sup>12</sup>

Não falavam de mortos, amigos que se foram, cidades destruídas, tristeza, traumas, choques. A Segunda Guerra envolveu 25.445 pracinhas, dos quais 443 morreram e três mil ficaram feridos. O número não parece excessivo quando se pensa em um dos mais sangrentos conflitos mundiais da história da humanidade. As famílias que ficaram no Brasil, noivas, mulheres, pais e mães, filhos, avós, amigos, todos precisavam saber o que estava acontecendo no front, a cada hora, se fosse possível. A imprensa brasileira não era explícita e, por essa razão, era importante ouvir o serviço da BBC diretamente para o Brasil. Havia mais informações de guerra graças ao grande número de correspondentes. Mas o que acontecia de fato na frente de batalha?

Os jornalistas não tinham autorização de se aproximar fisicamente dos conflitos. Aliás, era essa a política. Segundo o coronel Floriano Brayner, o objetivo era “impossibilitar críticas aos comandantes das ações (...); em segundo lugar, evitar comoção na opinião pública no que diz respeito à sorte dos soldados nacionais, e, por fim, existia o temor de que os correspondentes escrevessem os seus relatos, objetivando finalidades políticas internas ao Brasil (...). a entrevista de Brayner explicitava claramente a real política de comando da FEB em relação aos correspondentes de guerra, que era mantê-los o mais distante possível do centro das ações. 17

A volta dos pracinhas ao QG recuado, a visita às cidades evacuadas e a prisão de alemães, depois de uma luta bem-sucedida, traziam material jornalístico. Mas havia sempre a questão do que escrever. Na retaguarda, começaram a surgir diversas publicações com diferentes intenções. O jornal *Cruzeiro do Sul* era o mais oficial e falava sobre os assuntos que interessavam aos que estavam ao Exército brasileiro. Crítica? Nenhuma! Havia também a imprensa alternativa, precária e muito mais voltada para o humor. “*A Voz do Petrecho, O Camelo, E a Cobra Fumou!, Zé Carioca,*

---

12 HALLAWELL, Francis. *Scatolettas da Itália, Seleção de reportagens dos Correspondentes de Guerra na Itália irradiadas pela BBC. Londres, British Broadcasting Corporation, 1946.*



*Vem Rolando, Marreta e Tá na Mão* eram publicações informais e espontâneas.” (ESQUENAZI, 2014, p. 133). Não se tem notícias de algum jornal alternativo crítico, falando mal do Exército, do DIP ou de Mussolini e Hitler.

O jornalista Rubem Braga, em janeiro de 1945, escreveu “uma série de reportagens elaboradas com os arquivos do governo fascista italiano, que estava em fuga. Nestas crônicas, ele fazia um apanhado dos assuntos que os jornais italianos haviam sido proibidos de divulgar durante o governo fascista”.<sup>18</sup> Podia-se dizer o mesmo sobre os cortes do DIP, mas Braga jamais podia fazer referência explícita à coincidência dos temas.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA O GLOBO. *O Globo Expedicionário. O Brasil na II Guerra Mundial*, 1985.
- BARROS, Orlando de, *200 anos de Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, ContraCapa, 2009.
- BRAGA, Rubem, *Crônicas da Guerra na Itália*, 2ª edição, Rio de Janeiro, Record, 1986.
- ESQUENAZI, Rose. *O rádio na Segunda Guerra. No ar, Francis Hallawell, o Chico da BBC*. Florianópolis, Insular, 2014.
- GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990.
- HALLAWELL, Francis. *Scattolettas da Itália, Seleção de reportagens dos Correspondentes de Guerra na Itália, irradiadas pela BBC*. Londres, British Broadcasting Corporation, 1946.
- LEAL, Laurindo. *Vozes de Londres: memórias brasileiras da BBC*. São Paulo. Edusp, 2008.
- MAJOY, *Seguindo a primavera*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1951.

## ARTIGOS ONLINE

- ANDERSON, Carter, “Nas ondas do Reich”, jornal *O Globo*, 2001, p. 2, Pletz – Artigos para Debater. Disponível em: <<http://www.pletz.com/cgi-local/artigos/artigos.cgi>> Acesso em: 7/4/2017.
- HENN, Leonardo Guedes, *Os correspondentes da guerra e a cobertura jornalística da Força Expedicionária Brasileira*, UNISINOS, 2000. Acesso em: 8/4/2017.
- RIGONI, Carmen Lúcia. *A imprensa brasileira durante a 2ª Guerra Mundial (1944-1945): fortalecendo o mito do herói*. 2012. Disponível em: <[www.ifcs.ufrj.br](http://www.ifcs.ufrj.br)> Acesso em: 12/4/2017.
- SILVEIRA, Joel. Disponível em <http://lagartonet.com/2010/03/31/senhor-silveira-nao-me-morra/> Acesso em: 12/4/2017.

## DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

- SANTOS, Ricardo Luiz Meirelles dos Santos, *A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra*. Dissertação de Mestrado no Instituto de Estudos de Linguagem, Biblioteca Digital da Unicamp, 2003.

## MATERIAL SONORO

- AER111 – Com a FEB na Itália, nº 3 e 4. Collector’s, Rio de Janeiro. Transcrição. Discos em 78 rotações cedidos por Julienne Hallawell.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Luciane Pereira da Silva Navarro** - é jornalista formada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2000), com mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade, também pela UEPG (2014). É especialista em Direção de Arte pelo Centro Universitário Curitiba, Unicuritiba (2005). Com 23 anos de experiência em assessoria de comunicação, foi sócia da agência A4 Comunicação por 13 anos (2001-2014). Desde 2007, leciona nos cursos superiores de jornalismo e publicidade. Foi coordenadora do Curso de Pós-graduação em Comunicação Empresarial no Cescage (2013-2017). Atuou como coordenadora de marketing das Faculdades Ponta Grossa - Cescage (2014-2017). Atualmente, é Coordenadora de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arte 41, 42, 85, 86, 99, 100, 103, 107, 109, 118, 124, 128, 129, 130, 131, 136, 139, 142, 143, 147, 152, 153, 161, 165, 204, 207, 213

### C

Canal 11 156, 160, 163, 165, 167

Censura 45, 78, 83, 89, 94, 157, 183, 185, 186, 187, 188, 191

Cinema 44, 85, 102, 103, 108, 109, 112, 121, 123, 124, 129, 130, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 153, 165, 183

Comunicação 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 16, 20, 23, 24, 25, 26, 46, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 80, 83, 85, 86, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 103, 105, 108, 112, 114, 115, 118, 132, 142, 143, 146, 147, 149, 150, 151, 155, 156, 158, 165, 167, 169, 180, 183, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 208, 210

Correspondentes brasileiros 183

Crise política 192, 203

### D

Dilma Rousseff 193, 196, 197, 203, 209, 211, 212, 213

Dispositivos móveis 62, 63, 66, 67, 68, 70

Documentário 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 138, 140, 142, 143, 167, 168

### E

Educação 4, 9, 43, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 90, 147, 156, 157, 158, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 211

Evolução curricular 50

Expressão artística 97

### H

História 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 39, 41, 43, 48, 49, 50, 54, 60, 63, 64, 74, 75, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 110, 111, 112, 117, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 137, 138, 140, 141, 143, 144, 149, 151, 155, 156, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 181, 183, 186, 190, 193, 203, 204, 206, 208, 213

Histórias em quadrinhos 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

Historiografia 9, 21, 98, 125, 126, 170, 180

### I

Ilustração 138, 189

Imprensa 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 59, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 90, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 111, 112, 113, 120, 132, 135, 136, 151, 170, 171, 175, 176, 177, 179, 180, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 200, 201, 210

Imprensa alternativa 190, 192, 193, 194, 195, 197, 199, 200, 201

Impresso 6, 20, 21, 37, 41, 45, 47, 49, 51, 56, 59, 79, 80, 100, 101, 103, 105, 110, 111, 169, 170, 172, 174, 176, 177, 199

## **J**

Jornais 2, 3, 5, 6, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 38, 39, 40, 41, 43, 46, 47, 48, 57, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 98, 99, 109, 110, 134, 136, 146, 147, 171, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 184, 188, 189, 191, 193, 194, 195, 196

Jornalismo esportivo 37, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49

Jornalismo literário 114, 119, 121

## **L**

Lugar de memória 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130

## **M**

Mato Grosso 62, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 112

Mato Grosso do Sul 74, 75, 79, 80, 81, 83, 112

Memórias 13, 92, 114, 115, 117, 118, 122, 126, 140, 141, 142, 186, 191

## **N**

Neopentecostalismo 192, 193, 197, 198, 201

## **O**

Orlando Brito 202, 203, 205, 206, 208, 210, 211, 212

## **P**

Pós-memórias 115, 117

## **R**

Radiojornalismo 50, 51, 54, 55, 57, 59, 60

Relações de poder 156, 158, 170, 172, 174, 175, 181

Representação social 169, 170, 172, 173, 174, 176, 177, 178

Revista Ocas 150, 155

Revista Piauí 205, 207, 208, 211, 212, 214

Revistas brasileiras 98, 106

## **S**

Segunda Guerra Mundial 87, 88

Street papers 145, 146, 147, 148, 154, 155

## **T**

Televisão 24, 25, 27, 35, 47, 55, 56, 57, 85, 89, 94, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 156, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 196, 198, 199

Testemunho 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 141, 144

TV Educativa 156, 157, 158, 161, 163, 164, 166, 167, 168

TV Universitária 156, 158, 160, 161, 165

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-605-8

